

A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE VISUALIZAÇÃO DO EU

Jefferson valenim¹

Universidade Federal de Campina Grande, jeffersonvalentim2014@gmail.com,

Carlos Antonio Oliveira dos Santos²

Universidade Federal do Tocantins, carlostaz16@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho relata uma oficina de autorretrato ocorrida na Universidade Federal de Campina Grande, através da linha de expressão de comunicação através das artes que é uma área da educomunicação, utilizando o método da Espiral elaborado por Claudia Colagrande (2010), para proporcionar as 20 mulheres participantes da oficina por meio da arte fotográfica, se expressarem através da imagem representacional sígnica o que sentem, o que veem na imagem mental sobre elas mesmas e poderem por meio da linguagem não verbal da arte se expressarem como se sentem sobre si a representação midiática acerca delas.

Palavras-chave: Mulher, autorretrato, expressão artística.

Introdução

Na sociedade contemporânea do século XXI, a imagem representacional da mulher na cultura midiática brasileira vem sendo deturpada, adulterada pelas instâncias midiáticas. Sejam essas instâncias de nicho jornalístico ou publicitário, é corriqueiro o discurso machista que estereotipa a mulher. Essa estereotipação que a coloca habitualmente como objeto sensualizado, ou de inferior importância social, é rotineiro, e as representam em propagandas de cerveja como a da Skol, Kaiser, Brahma, como a empregada sensual que tem que agradar o homem.

Essa representação, que ocorre, configura os espaços sociais da vida cotidiana, o comportamento social e a percepção da sociedade acerca das mulheres, assim, criando imaginários sociais de que elas são inferiores, e que distante da realidade social de cada mulher, as fazem prescrições de como devem se vestir, se portar na sociedade, o que ocasiona uma opressão. Conforme Freire (1981, p.34), um dos elementos básicos na mediação

¹ Membro do grupo de estudos literários em Educação, Comunicação, Cultura e Cibercultura - ECCC. Integrante no projeto de extensão - Fotografia Colaborativa na Escola da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, e aluno do curso de Comunicação Social com ênfase em Educomunicação da mesma instituição.

² Graduado em Tecnologia em Gestão de Cooperativas, pela Universidade Federal do Tocantins.

opressores oprimidos é a prescrição e toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra. Dessa forma, prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra que introjeta uma consciência hospedeira da consciência opressora. Por isso, o comportamento dos oprimidos “é um comportamento prescrito e faz-se à base de pautas estranhas a eles, as pautas dos opressores” (FREIRE, 1981, p.35), que constroem imagens sobre eles de forma consciente e subconsciente.

Nessa perspectiva este trabalho relata uma oficina de autorretrato ocorrida na Universidade Federal de Campina Grande, através da linha de expressão de comunicação através das artes que é uma área da educomunicação, utilizando o método da Espiral elaborado por Claudia Colagrande (2010), para proporcionar as 20 mulheres participantes da oficina por meio da arte fotográfica, se expressarem através da imagem representacional signífica o que sentem, o que veem na imagem mental sobre elas mesmas e poderem por meio da linguagem não verbal da arte se expressarem como se sentem sobre si a representação midiática acerca delas.

Autorretrato e Educomunicação:

Como uma área que aflora da interconexão da comunicação e da educação enquanto ciências sociais aplicadas e humanas, a educomunicação se constitui como uma área híbrida que situa-se no seu lugar específico e de identidade própria. Ela como um campo de interface entre as tradicionais áreas citadas, observa/pesquisa a relação direta da aprendizagem com a vida social e adjacência que influi na formação do sujeito desde educação formal, não formal e informal. Dessa forma, ela se preocupa com um ideal de formação crítica para o mundo simbólico, em que a informação/comunicação e suas tecnologias estão inseridas em todos os processos das relações humanas.

Conforme Soares (2011, p. 44), ela é “um conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos”. Nessa perspectiva, ecossistema comunicativo é um modelo de relacionamento, baseado em uma dialogicidade entre diferentes sujeitos em um ambiente, que de forma democrática permite o direito de expressão para todos os membros do processo comunicacional. Dessa forma, visa à ampliação do potencial comunicativo e as condições de expressividade dos indivíduos e grupos humanos, mediante práticas culturais e artísticas, e dos recursos disponibilizados pela era da informação (SOARES, 2014).

O ecossistema comunicativo, como um modelo de relacionamento para prática educacional ocorre por meio das áreas de intervenção. Essas áreas que são compostas de Educação para comunicação; Expressão comunicativa através das artes; Mediação tecnológica nos espaços educativos; Pedagógica da comunicação; Gestão da Comunicação; Gestão da comunicação nos espaços educativos; Reflexão epistemológica sobre a própria prática em questão; produção midiática são ações mediante as quais, ou a partir das quais, os sujeitos sociais passam a refletir sobre suas relações no âmbito da educação, seja o mesmo de educação formal, não formal e informal (SOARES, 2011). A educomunicação possui sete áreas de intervenção que se materializa na prática envolvendo valores e campo fundante.

Dessa forma, as “áreas de intervenção” representam os possíveis tipos de ação a partir dos quais a comunidade é despertada para o novo, podendo perceber com mais facilidade o pensamento qualificado pela ação educacional, com ela dialogando (SOARES, 2011, p.48). O presente trabalho focou-se na área de expressão comunicativa através das artes ou expressão pelas artes, que utiliza do diálogo com a linguagem artística, mais especificamente a comunicação emocional e o autorretrato como arte, para que os sujeitos possam expressarem o que sentem através da imagem representacional sócio-cultural, o que veem na imagem mental sobre eles mesmos e podem por meio da linguagem não verbal da arte “desenvolver formas sutis de pensar, diferenciar, comparar, generalizar, interpretar, conceber possibilidades, construir, formular hipóteses e decifrar metáforas” (BARBOSA, 2004, p. 51) sobre a sociedade e a produção simbólica contemporânea.

O autorretrato como ferramenta artística de um processo de comunicação emocional, proporciona por meio de sua linguagem artística baseada na escolha de planos, luzes, cores, ângulos, proporcionar, espaços de fala, visibilidade e livre expressão para que cada um dos sujeitos sociais (SOARES, 2015) que usufruam. Isso devido o educando “fazer um autorretrato reflete sobre si, na construção de sua imagem, torna-se imperativa a auto-análise, assim, materializando a sua identidade no autorretrato, revelando o que imagina ser, o que deseja e pretende ser (ABREU, 2011).

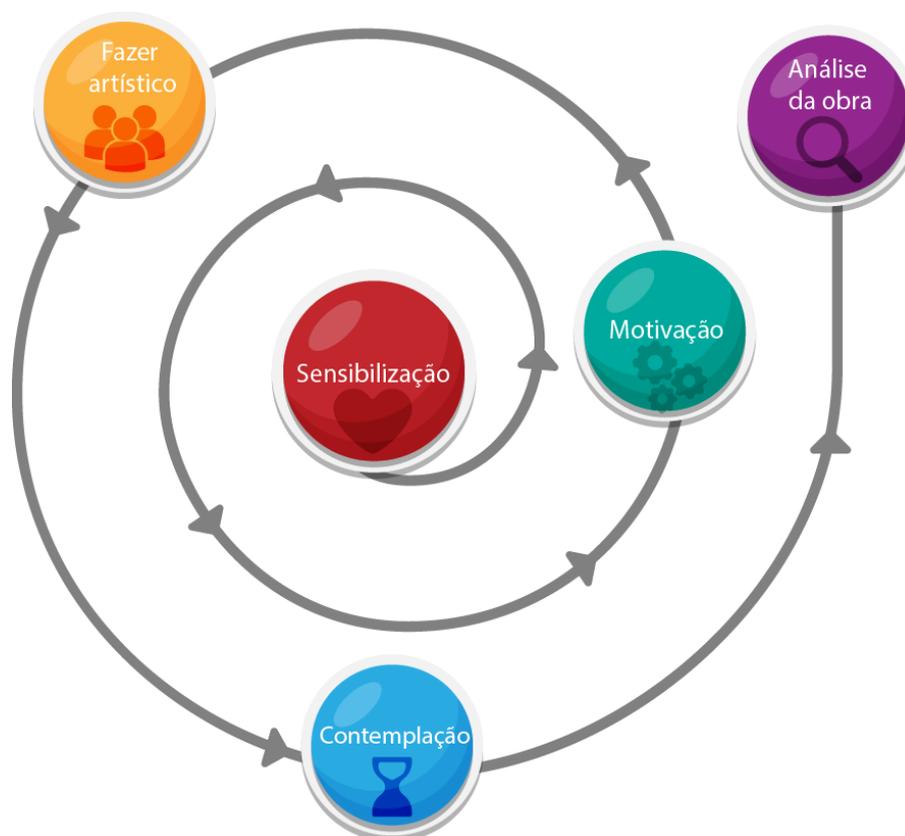
O autorretrato envolve, tomar decisões de como o indivíduo quer ser visto, representado em material real. A imagem mental de si é avaliada, de forma que o mesmo só representa em material real o que julga ser importante em suas ações conscientes e inconscientes. Conforme Abreu (2011) a construção inventiva de si mesmo reflete a relação entre a poética do artista e a vida social de cada época, ou seja, as exigências religiosas, as normas sociais, políticas e éticas que contribuíram para estabelecer maneiras do homem se

portar no mundo. Dessa forma o indivíduo expressa o que está na sua imagem mental de si, bem como as emoções do mesmo na imagem material fotografia que o apresenta.

Procedimento Metodológico:

Nesse estágio, utilizou-se do método espiral concebido por Colagrande (2010), para aplicação da oficina. Isso devido o método consistir em dar visibilidade aos sentimentos mais profundos de um sujeito por meio da arte. Dessa forma, partindo da sensibilização; motivação; fazer artístico; contemplação; análise da obra, para possibilitar aos educandos expressarem o que sentem por meio da arte (Colagrande, 2010) como pode ser visto na Ilustração 1.

Ilustração 1.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Nessa perspectiva, a aplicação da oficina teve duração de três dias. Esses três dias de atividades tiveram duração de duas horas cada, assim, a oficina foi apresentada no primeiro dia e logo após foi ensinado à linguagem fotográfica para os educandos. No segundo e

terceiro dia, foi dada continuidade do método da espiral e a conclusão da oficina com as reflexões sobre todo o método que foi efetuado.

Na sensibilização que consiste na primeira etapa do método, onde o “objetivo é descontrair o grupo para atividades criativas” (COLAGRANDE, 2010, p.69). Assim foi utilizada a prática de criação de desenhos e pintura, que consiste no ato do educando desenhar uma parte de si que mais o agrade ou algo de acordo com sua realidade social. Esse fenômeno permite ao educando “poder se expressar por meio da linguagem não verbal, da arte” (COLAGRANDE, 2010, p.69). Assim esse fragmento da oficina, foi realizado para se sensibilizar com o estado de criação e motivação da arte, como ferramenta para expressão do não falado, o não contemplando, assim permitindo ser dito e dialogado por meio da arte.

Na segunda etapa, Conforme Colagrande (2010) é o momento da motivação, de premissa para criação, e nela foi apresentado como surgiu o conceito de imagem, de autorretrato, fotografia e arte, mostrando pinturas voltadas para a autorrepresentação, buscando propor “através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no risível intelectual, mas no nível da ação” (Freire, 1987, p.49).

No fazer artístico, que é a terceira etapa, foi posto os meios técnicos e linguísticos da fotografia para os educando pudessem “experimentar, investigar, criar, compor e expressar muitas coisas que permaneciam ocultas em nosso íntimo, tornando-as visíveis” (COLAGRANDE, 2010. p.70) por meio da fotografia, utilizando da técnica de autorretrato para realização da autorrepresentação em imagem real.

Na quarta etapa, conforme Colagrande (2010) é o momento da contemplação, o momento apreciação da obra, nela o olhar é estimulado a contemplar o que foi feito no ato em si. Nessa etapa, as participantes foram levadas a contemplar as autoimagens sozinhas em reflexão por meio do diálogo do porque se autorrepresentaram dessa forma, e qual a relação dessa representação com o que elas percebem do mundo e como as pessoas do convívio social deles os tratam.

Na quinta etapa, a análise da obra, os participantes ficaram tiveram a opção “verbalizar o que perceberam de sua produção” (COLAGRANDE, 2010. p.70). Nessa parte, em uma ação dialógica com os participantes, elas puderam mostrar suas fotografias falando das emoções que sentira, ao produzir, analisar e do que consegue perceber da representação de si em relação à ao que a mídia expõe.

Resultados e Discussões:

Aplicada para 20 mulheres que foram participantes na oficina de autorretrato: a fotografia como instrumento de visualização do eu, na Universidade Federal de Campina Grande, elas refletiram sobre a representação que a mídia faz das mulheres e sua realidade social e expressaram através da imagem representacional s3gnica o que sentem, o que veem na imagem mental sobre elas mesmas e poder3o por meio da linguagem n3o verbal da arte expressarem o que sentem. Na primeira etapa do m3todo, que 3 a sensibiliza33o, as participantes desenharam as partes que do corpo com roupas e atividades e lugares que elas mais gostavam. Isso ocorreu segundo as mesmas, por esses locais e partes do corpo serem para elas algo de grande significado que trazem felicidade, seja pela beleza de ter vivido uma a33o em determinado ambiente ou ter algo que a agrada no corpo. Assim, elas desenharam e explicaram o motivo do desenho.

Na motiva33o, segunda etapa do m3todo, ocorreu 3 apresenta33o e contextualiza33o da fotografia e arte, utilizando pinturas para mostrar o autorretrato, bem como em posterior momento fotografias voltadas para o autorretrato. As participantes entraram di3logo entre si, sobre a vis3o e composi33o da fotografia, debatendo sobre como os planos, as cores, os 3ngulos e a ilumina33o criavam uma narrativa para expressar o que elas sentiam e o que as mesmas passavam da sociedade e de si.

Na terceira parte o fazer art3stico, foi apresentado as vari3veis da fotografia, bem como, a linguagem fotogr3fica que permite por meio do smartphone como m3quina fotogr3fica construir narrativas imag3ticas sobre o olhar do sujeito. Nessa etapa as participantes, ap3s o dom3nio da t3cnica fotogr3fica bem como da linguagem como um todo, ficaram livres para realizarem seus registros fotogr3ficos.

Na quarta etapa, a contempla33o, as participantes foram levadas a contemplar a autorrepresenta33o imag3tica, em di3logo sobre o porque se representaram da forma que escolheram, o que aquela imagem transmitia sobre elas. Assim, alguns falaram da constru33o imag3tica que elas t3m de si pr3prias na mente, de como elas se percebem na sociedade e como elas querem ser vistas na sociedade, por isso muitos se representaram sorrindo, com roupas que as agradam, e em ambientes iluminados com diferentes composi333es.

Na quinta etapa, a an3lise da obra, as participantes de forma dial3gica socializaram uma com as outras a percep33o que tiveram das suas fotos. Assim, falando das posturas delas para com a sociedade e de como elas se viam, relataram de como 3 emocionante se expressarem por meio da linguagem n3o verbal da arte e por meio da oficina eles puderam se conhecerem mais e descobrir como se expressarem da forma que realmente se veem.

Conclusões.

Por meio da observação fotográfica registrada por elas, diálogos e das falas feitas durante a oficina de autorretrato no processo metodológico de aplicação que se processou da sensibilização, motivação, fazer artístico, contemplação, análise da obra. Elas puderam dar visibilidade aos sentimentos mais profundos em relação a si e sobre representação feita delas na mídia. Isso devido o autorretrato como ferramenta artística de um processo de comunicação emocional, requerer dos das pessoas a construção de uma imagem mental de si. Uma que possa ser transmitida para a imagem representacional sígnica envolvendo a escolha de cores, luzes, planos e ângulos que são elementos que possibilitam a expressão emocional e comunicativa por meio da arte fotográfica.

Dessa forma, por meio da dessa linguagem, foi possível constituir espaços de fala para cada um das participantes se expressarem como sujeitos democraticamente livres o que sentem sobre si e sobre a representação feita na sociedade. Pois, o autorretrato é uma construção representacional de si, que envolve como as pessoas querem ser enxergadas e reflete a relação entre a vida social de época e seu cotidiano.

Em suma, foi possível perceber que o objetivo geral de proporcionar às participantes se expressarem por meio da imagem representacional sígnica o que sentem, o que veem na imagem mental em relação a elas mesmas, foi alcançado, proporcionando a elas conhecerem mais sobre si e como se apresentarem por meio da linguagem não verbal da arte.

Referências:

ABREU, R. Simone. **Autorretrato: inventando a si mesmo.** In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em artes Plásticas. Rio de Janeiro. **Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em artes Plásticas.** Rio de Janeiro: ANPAP, 2011, p. 2800-2814.

BARBOSA, A. M. **Porque e como: arte na educação. Arte em pesquisa: especificidades.** Brasília, v. 2, p. 48 – 52, ago., 2004.

COLAGRANDE, Claudia. **Arte terapia/ Metodologia espiral.** São Paulo: Wak. 2010.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Por que arte-educação.** 22 ed. São Paulo: Papyrus, 2012.

SANTAELLA, Lucia; NÖRT, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo. Iluminuras Ltda. 1997.

SOARES. O. Ismar. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas. 2011.

SOARES, O. Ismar. **A Educomunicação na América Latina: apontamentos para uma história em construção**. In: Roberto Aparici. (Org.). Educomunicação para além do 2.0. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2014, v. 1, pp. 7-27, 2014.